

NARCISISMO: O AMOR FREUDIANO NARCISSISM: THE FREUDIAN LOVE

Betty Bernardo Fuks*

RESENHA DE:

Nicéas, Carlos Augusto (2013). *O amor de si*. Coleção para ler Freud. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 123p.

No final do século XX, em meio à aguda crise contemporânea da linguagem, Italo Calvino (1990) identificou a *exatidão* como uma das qualidades da literatura capazes de nortear não apenas o dom dos escritores e poetas, mas cada um dos atos de nossa existência. Em *Seis propostas para o próximo milênio* (Calvino, 1990), ele define o termo *exatidão* como a capacidade do escritor de criar uma obra bem definida e calculada, de evocar imagens visuais nítidas e incisivas e, finalmente, de ser hábil no uso de uma linguagem, isto é, usá-la da forma mais precisa possível para traduzir seu pensamento. Desde que li essa obra admirável tenho pensado, frequentemente, na precisão conceitual como uma das virtudes necessárias ao analista para enfrentar a crescente vulgarização e banalização da psicanálise. A exatidão teórica, um antídoto contra o mau uso da psicanálise, é um dos instrumentos necessários à transmissão da herança que recebemos de Freud.

* Psicanalista; Professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (RJ). E-mail: betty.fuks@gmail.com.

Não poderia melhor ilustrar minha ideia do que resenhando a obra de Carlos Augusto Nicéas recém-lançada pela editora Civilização Brasileira na *Coleção para ler Freud*. Com a honestidade intelectual e a criatividade de sempre, atestadas em inúmeras publicações, tanto no Brasil como no exterior, Nicéas mergulhou de cabeça na aventura de escrever um livro sobre uma das mais importantes obras de Sigmund Freud, “Para introduzir o narcisismo” (Freud, 1914). O resultado surpreende: *O amor de si* (Nicéas, 2013), título homônimo à expressão usada por Freud para explicitar o investimento amoroso da libido no eu, é o retrato fiel do trabalho de um psicanalista que procedeu à leitura do texto de 1914 decidido a reencontrar, como sempre fez em outras ocasiões, a imprevisível novidade do objeto da psicanálise, o inconsciente. O livro testemunha o compromisso de um autor em buscar as palavras para transmitir, com leveza, clareza e a maior precisão possível, a rede conceitual que envolve a importância do narcisismo na teoria e, ao mesmo tempo, manter em aberto um não-dito de modo a deixar ao leitor a tarefa de dizer outras coisas que não o mesmo.

“Eu pari com dificuldades o Narcisismo”. Com essa confissão de Freud ao colega e dileto discípulo Karl Abraham, Nicéas (2013: 21) abre sua obra convidando à reflexão sobre a situação do texto de 1914 no pensamento do fundador da psicanálise. Maneira própria de se fazer acompanhar na leitura desse “parto”, que fez da introdução ao conceito de narcisismo um dos mais “importantes e fecundos momentos” (Nicéas, 2013: 22) da obra daquele que feriu a humanidade ao revelar que o “eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (Freud, 1917/1976: 135). Somos, então, desde o princípio, tomados pela direção que nosso autor imprime ao próprio texto: nenhum trabalho que pretenda dar conta de um conceito psicanalítico pode deixar de tocar na relação entre o sujeito que faz uma teoria e sua fundamentação prática, e reciprocamente. Razão pela qual ele nos chama atenção para o fato de que “Para introduzir o narcisismo”

(Freud, 1914/1986) está situado, nas obras completas de Freud, entre dois textos inscritos sob a rubrica de escritos técnicos – “Rememoração, repetição e elaboração” e “Amor de transferência”. Ora, se o primeiro escrito diz respeito à função de uma análise – preencher as lacunas da memória que impedem o analisando de se apoderar da própria história – e o segundo versa sobre o manejo da transferência analítica – o motor e o obstáculo à cura –, não é difícil deduzir que o narcisismo freudiano, igual a outros conceitos psicanalíticos, é um saber adquirido na teoria a partir, única e exclusivamente, da experiência.

Ao destacar o sentido dessa vizinhança entre os três textos, ainda no início de sua obra, nosso autor prepara o terreno para o último capítulo que, como um “raio de luz”, iluminará todos os outros capítulos pela forma com que mostrará que o narcisismo é uma peça de resistência à ação do analista no que a transferência, em sua dupla face – amor e ódio –, impede o desenrolar de uma análise. Mas, antes disso, o leitor percorrerá um longo caminho através desse conceito que se bifurca na direção da constituição do eu e na da construção do “edifício das pulsões” – o narcisismo. Cronologicamente, o texto de 1914 se inscreve entre a primeira e a segunda polaridade das pulsões, estando portanto ligado indelevelmente ao passo clínico dado por Freud na elaboração do novo dualismo pulsional de 1920. Ao explorar essas vias, nosso autor arrola, no corpo do texto de Freud, as provas para demonstrar que o narcisismo não se reduz ao que é da ordem do desenvolvimento libidinal pois se constituiu como dado da estrutura do sujeito.

De onde surge o termo narcisismo? Ao contrário do que se costuma pensar, Freud não o extrai do mito de Narciso e sim o toma emprestado da obra Paul Nacke na qual o psiquiatra havia designado com o termo narcisismo o comportamento pelo qual o indivíduo trata seu próprio corpo como um objeto sexual. Mas, ao contrário do uso que Nacke faz do termo, nomeando um novo tipo de perversão,

o interesse de Freud pelas notas clínicas que colheu da literatura psiquiátrica foi o de perscrutar as semelhanças entre aquilo que alguns autores descreviam e o modo como o sujeito da experiência analítica tratava seu próprio corpo e o do outro. Assim, Nicéas (2013) retorna ao texto de 1914 exatamente para reencontrar a novidade da abertura freudiana ao termo narcisismo ao convocar a própria experiência clínica para conceituá-lo.

O que interessa ressaltar nesse momento é que em *O amor de si* (Nicéas, 2013), o narcisismo freudiano torna-se uma espécie de fiel da balança entre a teoria e a clínica, o que permite uma melhor compreensão do que significou, entre outras coisas, a ruptura entre Freud e Jung. O texto sobre o narcisismo é uma resposta ao repúdio do médico da escola de Zurique à ideia de “investimento libidinal do eu do sujeito constituído como instância particular” (Nicéas, 2013: 44). A essa passagem da história do movimento psicanalítico Nicéas dá um interessante destaque mostrando o rumo que tomou a teoria psicanalítica, quando Freud respondeu ao discípulo, a quem confiou o movimento psicanalítico durante algum tempo, com a escrita de seus “clássicos, escritos-sínteses, a metapsicologia”, a “bruxa” que, ao lado dos mitos freudianos, compõe uma teoria advinda única e exclusivamente do “concreto da experiência”.

A partir desse ponto, a consistência teórica do livro torna-se mais evidente, ainda. Entre os passos e os rastros daquele que fundou o campo do inconsciente, chegamos à segunda parte do texto de 1914, no qual o narcisismo, entendido como expressão de investimento libidinal pelo sujeito, de seu próprio eu, permite o advento de uma nova noção, a noção de “erogeneidade”. Associada a uma série de outras ideias já assentadas na teoria, essa noção produziu uma extensão conceitual no conjunto das questões sobre a distribuição da libido nas hipóteses freudianas sobre o narcisismo. Dessa vez, Nicéas (2013), sem abandonar a exatidão cirúrgica com que extrai do texto freudiano as noções que acreditamos conhecer, nos reserva

uma surpresa: as representações energéticas que tecem a nova trama conceitual, na qual Freud afirma a “erogeneidade” como propriedade de qualquer órgão, é o que permite ao analista falar de aumento ou diminuição desse fenômeno em uma parte determinada do corpo. O conceito de narcisismo, lido à luz dos recortes oferecidos em *Amor de si* (Nicéas, 2013), responde a uma série de questões sobre o modo como o texto de 1914 oferece um entendimento das parafrenias, além do estabelecimento de uma diferença importante entre neurose e psicose, toda ela construída com base no conceito de libido em sua relação com a fantasia e o eu.

Mais ainda: transmitir o conceito de narcisismo é também lembrar que a vida amorosa dos homens e das mulheres, e suas fixações descritas detalhadamente por Freud no texto de 1914, não autoriza nenhuma divisão radicalmente “estabelecida para os dois sexos, anatomicamente distintos, quanto às suas escolhas amorosas” (Nicéas, 2013: 74), muito menos a ideia de uma suposta maturidade na relação entre o sujeito e objeto. Diferentemente dos psiquiatras que consultou, como nos faz lembrar Nicéas (2013), Freud deduz a existência do narcisismo como primária, isto é, a vida amorosa do sujeito tem início a partir do ponto mítico do investimento dos pais em “sua majestade, o bebê”. É por essa via que, em *Amor de si* (Nicéas, 2013), chegamos aos desdobramentos que conduziram Freud a estabelecer as relações entre o narcisismo e o complexo de castração, o complexo organizador da sexualidade infantil. Não há muito espaço nesta resenha para nos determos nesse ponto do texto freudiano muito bem apresentado pelo autor, ao mesmo tempo que oferece um testemunho, mais uma vez, de ser dono de um invejável conhecimento da obra de Freud. Conhecimento esse que lhe permite articular alguns textos freudianos para finalmente mostrar que a questão da formação do eu formulada em 1914, em sua relação com o complexo de castração, prenuncia “o lugar que terá na doutrina e na clínica a noção de supereu” (Nicéas, 2013: 87).

A essa altura chegamos, com Nicéas, aos registros da produção de formações de ideal, o eu ideal e o ideal do eu, que Freud deriva do narcisismo, entendendo que uma das particularidades do texto de 1914 foi ter promovido uma abertura às “novas descobertas para a doutrina da psicanálise” (Nicéas, 2013: 86). É interessante realçar a aguda clareza de nosso autor por relação à intertextualidade dos escritos freudianos, o que certamente lhe facilitou escrever uma obra sobre um conceito freudiano em linguagem extremamente precisa e consistente.

O que tem a ver a formulação lacaniana do estádio do espelho com o conceito de narcisismo? O jovem analista, ao ler *O amor de si* (Nicéas, 2013), se inteira do fato de que Lacan iniciou seu “retorno a Freud” identificando as condições de emergência daquilo com que o analista terá sempre que lidar – o inconsciente. Mas não é só isso: ele aprende que as teses freudianas sobre o narcisismo mereceram da parte do mestre de Paris, ainda em 1936, uma atenção especial quanto à articulação entre os escritos freudianos que nos ensinam a reconhecer que o “eu é antes de tudo um eu corporal” (Nicéas, 2013: 90). Foi disso que Lacan (1949/1995) tratou em seu “Estádio do espelho”, impondo à sua doutrina a precedência do que Freud encontrou na clínica do narcisismo. Nesse sentido, parodiando o título do livro de Calvino, me permito dizer que a proposta de Nicéas aos analistas do terceiro milênio, contida nessa articulação narcisismo/Estádio do espelho, é a de não subtrair a especificidade de um campo que não pode prescindir de seu fundador, movimento que caminha na contramão da lógica do saber que se supõe em progresso acumulativo.

Reassegurando à letra de Lacan o lugar ímpar que ela ocupa no campo psicanalítico, Nicéas (2013) se esforça por mostrar a consistência e precisão da formulação do “Estádio do espelho” como lugar privilegiado à imagem na teoria freudiana, e ao amor que a descoberta do narcisismo permitiu a Freud reconhecer como um “amor

de si”, o “si mesmo”. É que nas fundações do narcisismo, nos diz, “tece-se uma relação amorosa do sujeito com sua imagem” (Nicéas, 2013: 99). Moral da história: o “amor de si” é o que está no começo de todo o amor.

Chegamos assim ao último capítulo – O amor freudiano no dispositivo de palavra –, aquele que, como dissemos acima, ilumina todo o estudo precedente. Partindo da experiência germinal da psicanálise, isto é, das histórias de amor que Freud ouviu pela voz de seus pacientes e do destino que a transferência tomou nessa práxis, “unicamente nas relações do sujeito falante com a linguagem” (Nicéas, 2013: 104), Nicéas nos apresenta algo de fundamental em relação à ética freudiana. Na análise, a desmesura do “amor de si” precisa ser desmascarada, pois a completude com o Outro que o sujeito busca não ocorrerá no nível imaginário, a imagem especular é incapaz de brindar uma identidade estável, nem no processo de simbolização, porque não se pode capturar a totalidade e singularidade do corpo real, o circuito fechado das pulsões. Ora, a psicanálise veio justamente enfrentar essa verdade dando condições ao sujeito, constituído sobre as bases das leis da linguagem, sujeito da falta por excelência, de submeter-se ao processo que lhe revelará, ao final, que o “falo não será jamais, o parceiro complementar buscado” (Nicéas, 2013: 116). É com essa chave de ouro que o livro se encerra, indicando ao analista que é precisamente porque há uma falha de saber em relação ao sujeito sexuado que o sujeito se submete à regra do jogo que é a transferência. Mas o que conta para o analista é justamente submeter o amor à prova da estrutura da linguagem e fazer reconhecer, “irremediavelmente, no diálogo impossível entre os sexos, o fracasso de seu voto de completude” (Nicéas, 2013: 116).

Por fim, gostaria de dizer que *O amor de si* (Nicéas, 2013) merece saudações pelo legado teórico que nos oferece seu autor, um analista singular, cuja experiência imprime no texto o tom da res-

pensabilidade que assumiu em relação à ética e à transmissão da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Calvino, I. (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/1986). Para introduzir o narcisismo. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917/1976). *Una dificultad del psicoanálisis*. *Obras completas*, v. XVII. Amorrortu: Buenos Aires.
- Lacan, J. (1949/1995). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.